

MÉRTOLA VILA MUSEU: UM PROJETO ARQUEOLÓGICO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

Susana Gómez Martínez¹

Lígia Rafael²

Cláudio Torres³

RESUMO

Mértola Vila Museu corresponde a uma estratégia de gestão patrimonial que se dedica ao estudo, salvaguarda, valorização e divulgação desta pequena Vila do sul de Portugal. Aqui, a investigação histórica e arqueológica é o motor de um projeto de desenvolvimento que assenta em um programa museográfico, atualmente com 10 núcleos museológicos visitáveis, disseminados pelo Centro histórico. O Museu é a própria Vila já que o circuito patrimonial privilegia o deambular por ruas e ruelas, dando a conhecer a estrutura organizativa e a sua envolvente paisagística. Desde o princípio, em finais dos anos setenta do século passado, o projeto desenvolveu-se através de um complexo processo de interação entre instituições públicas e privadas orientadas por um objetivo comum: utilizar o património para promover o desenvolvimento local, envolvendo a população e transformando-o num instrumento para consolidar a identidade local.

Palavras-chave: Património, arqueologia, desenvolvimento, cidadania, identidade

ABSTRACT

Mértola Museum Town is an asset management strategy that deals with the study, protection, enhancement and dissemination of this small village in southern of Portugal. Here, the historical and archaeological research is the bases of a project of

¹ Investigadora do Campo Arqueológico de Mértola (CAM) / Centro de Estudos em arqueologia Artes e Ciências do Património (CEAACP) e Professora da Universidade do Algarve; Campo Arqueológico de Mértola; Rua Dr. António José de Almeida, 1-3; 7750-353 Mértola (PORTUGAL); Tel. +351 286612443; susanagomez@sapo.pt

² Investigadora do Campo Arqueológico de Mértola (CAM) / Centro de Estudos em arqueologia Artes e Ciências do Património (CEAACP) e Técnica superior da Câmara Municipal de Mértola; Campo Arqueológico de Mértola; Rua Dr. António José de Almeida, 1-3; 7750-353 Mértola (PORTUGAL); Tel. +351 286612443; ligiarafael62@gmail.com

³ Diretor do Campo Arqueológico de Mértola (CAM) Investigador do Centro de Estudos em arqueologia Artes e Ciências do Património (CEAACP); Campo Arqueológico de Mértola; Rua Dr. António José de Almeida, 1-3; 7750-353 Mértola (PORTUGAL); Tel. +351 286612443; torresclaudio@sapo.pt

development based in a museographic program, currently with 10 visitable centers, spread around the historic center. The Museum is the own Town and the heritage circuit privileges the roam through streets and alleys, stating the present organizational structure and its surrounding landscape. From the beginning, in the late seventies of the last century, the project was developed through a complex process of interaction between public and private institutions guided to follows a common aim: use heritage to promote local development, involving the population and transforming it in a tool to strengthen local identity.

Keywords: Heritage, archaeology, development, citizenship, identity.

RESUMEN

Mértola Vila Museu es una estrategia de gestión patrimonial que persigue el estudio, salvaguarda, puesta en valor y divulgación de este pequeño pueblo del Sur de Portugal. Aquí, la investigación histórica y arqueológica es el motor de un proyecto que asienta en un programa museográfico que concibe el Museo de Mértola como una estructura polinuclear con más de 10 espacios visitables en la actualidad. Desde sus inicios, a finales de los años setenta del siglo pasado, el proyecto se fue gestando en un complejo proceso de interacción entre instituciones públicas y privadas que persiguen un objetivo común: utilizar el patrimonio para promover un desarrollo local sostenible implicando en ello a la población, y haciendo de él un instrumento para consolidar la identidad local.

Palabras clave: Patrimonio, arqueología, desarrollo, ciudadanía, identidad.

Mértola Vila Museu: projeto, estratégia ou filosofia.

Mértola Vila Museu é um dos nomes utilizados para identificar uma experiência pioneira no âmbito do patrimônio arqueológico, que tem vindo a crescer numa pequena vila do interior, no Sul de Portugal, desde finais dos anos setenta do século XX. Já nessa época, os seus objetivos não eram muito diferentes daquilo que começa hoje a ser uma filosofia muito difundida em amplos setores da arqueologia: envolvimento da população com o objetivo de consolidar a sua identidade e contribuir para o desenvolvimento local. No entanto, o que pode parecer hoje um postulado programático inquestionável, surgiu num contexto concreto e só vingou graças à persistência de um conjunto de agentes individuais e coletivos que se assumem como parte dessa mesma população.



Figura 1. Localização de Mértola

Mértola encontra-se em uma região de transição entre a Planície do Alentejo e a Serra do Algarve, território de forte cariz rural, afastada dos grandes centros de desenvolvimento econômico do país. Atualmente, esta pequena vila tem pouco mais de 1.000 habitantes, e é sede de um vasto território, com cerca de 1.279 km², polvilhado por pequenas aldeias. Não obstante, durante séculos, esta Vila teve uma grande importância como entreposto comercial devido à sua localização, no extremo da navegação do rio Guadiana (fig. 1 e 2). Está localizada em uma península escarpada, formada pela confluência do Guadiana com a ribeira de Oeiras, com excepcionais condições defensivas, que fizeram dela um importante núcleo urbano, pelo menos desde a Idade do Ferro.



Figura 2. Mértola e o Guadiana

O abandono da navegação fluvial como meio de transporte e da importância de Mértola como entreposto comercial, juntamente com a decadência e estagnação das suas principais atividades econômicas (agropecuárias e exploração mineira), levaram a que Mértola não acompanhasse o desenvolvimento econômico e urbano de outras localidades. Em contrapartida, o seu centro histórico, praticamente intacto, conservou uma enorme riqueza patrimonial e um subsolo extraordinariamente fértil em vestígios arqueológicos.

Foi o contexto sociopolítico da Revolução de 25 de Abril de 1974 que possibilitou o surgimento de um projeto de desenvolvimento baseado no estudo e valorização patrimonial. De fato, foi o primeiro Presidente da Câmara Municipal democraticamente eleito, Serrão Martins, que percebeu que uma das maiores potencialidades de Mértola era, precisamente, o seu patrimônio histórico, cultural e natural, e assumiu, de forma corajosa, uma estratégia equilibrada de gestão dos recursos patrimoniais. Nesse momento, teria sido mais fácil apostar exclusivamente na modernização das infraestruturas urbanas e no modelo de desenvolvimento industrial aclamado de forma incontestada nos anos setenta do século XX. Contrariando esta tendência, soube aliar-se aos seus professores da Universidade de Lisboa para construir um projeto de cariz científico e político. Um destes professores, Cláudio Torres, tomou a seu cargo a liderança do projeto, principalmente após a morte prematura de Serrão Martins, em 1982, tendo renunciado em 1986 à carreira universitária

para liderar uma equipe multidisciplinar de investigadores e técnicos que passariam a desenvolver suas carreiras profissionais em Mértola, imbuídos de um forte sentido de equipe, de responsabilidade e de cidadania.

Esta equipe organizou-se inicialmente no seio da Associação para a Defesa do Patrimônio de Mértola (ADPM) que, mais tarde, se dividiu em duas entidades distintas: o Campo Arqueológico de Mértola (CAM), centrado nas temáticas em torno da história e da arqueologia, e a ADPM mais focada nas questões relacionadas aos recursos naturais, o patrimônio rural e etnográfico, e o desenvolvimento sustentável. Mais tarde, aliadas à Câmara Municipal de Mértola, promoveram a criação do Parque Natural do Vale do Guadiana que, em 1996, formou-se para definir e consolidar uma estratégia de gestão equilibrada do patrimônio natural e cultural.

O pilar central que sustenta este trabalho reside em bases sólidas de investigação científica e preparação técnica, com a particularidade de se desenvolverem exclusivamente no âmbito local. A diferença relativamente a outras equipes reside no fato da esmagadora maioria dos colaboradores do projeto residirem no município, serem naturais de Mértola, e terem complementado a sua formação, recebida localmente, com estudos especializados realizados em unidades de ensino em Portugal ou no estrangeiro ou, por outro lado, serem investigadores de outras proveniências seduzidos pela força do projeto.

Desde o início que se procurou desenvolver uma estratégia equilibrada de gestão patrimonial baseada no equilíbrio de quatro pilares fundamentais: o estudo, a salvaguarda, a valorização e a divulgação. A investigação científica pura não era suficiente, a pesquisa seria inútil se não fosse acompanhada de uma preservação dos valores patrimoniais e da apresentação dos seus resultados à comunidade. Nesta linha, o cerne do projeto reside na divulgação, que não se pode limitar à divulgação científica em revistas da especialidade e em encontros científicos somente acessíveis a um público restrito. É fundamental devolver à comunidade o investimento realizado na investigação e justificar os inconvenientes causados, por vezes, pela atividade arqueológica, especialmente a de salvaguarda e registo em intervenções de emergência produzidas no contexto da atividade urbana. Neste contexto, para tornar acessível ao público a pesquisa científica, é preciso transformar os seus conteúdos em linguagem compreensível a todos, sendo o formato mais acessível a museografia, o que não invalida a publicação de resultados para públicos especializados, sobretudo sob a forma de catálogos dos núcleos museológicos.

Além da divulgação científica, codificada na sua linguagem própria e dirigida a um público especializado, falar de maneira clara e acessível é a única forma convincente de justificar localmente os trabalhos em curso, capaz de identificar as mais fortes referências culturais e, por conseguinte, consolidar potenciais endógenos. Na dinâmica museográfica não só se difundem os resultados de uma forma mais eficiente e intuitiva pelo público em geral, sobretudo o local, como se torna possível atrair outro tipo de visitantes, desde que esta oferta seja devidamente divulgada. Esta estratégia tem demonstrado eficácia, uma vez que Mértola constitui atualmente um conhecido destino de turismo cultural. Estes visitantes procuram não tanto exotismo ou espaços monumentais, mas sim um projeto dinâmico e ambicioso que, em uma zona isolada e longe dos grandes centros, conseguiu envolver a população local, construindo propostas científicas e museológicas de grande qualidade.

No Campo Arqueológico de Mértola, defendemos que qualquer projeto de investigação ou escavação de salvamento deve ter como objetivo, num primeiro momento, conhecer e preservar, mesmo que apenas seja através do registo arqueológico, conforme propõe a legislação vigente, mas, sempre que seja possível, também conservar e musealizar. É compatibilizar a conservação de vestígios arqueológicos com o desenvolvimento de empreendimentos construtivos e atividades econômicas mediante uma negociação inteligente, que permita usufruir das vantagens de uns e de outros. No entanto, nem sempre é fácil e, por vezes, os conflitos de interesses obrigam a cedências de parte a parte e a uma gestão dos recursos disponíveis de forma imaginativa e flexível, que permitam evitar consequências no delicado equilíbrio de forças entre os recursos patrimoniais e a frágil economia local.

Em Mértola, os valores patrimoniais a divulgar não são apenas os vestígios encontrados nas escavações arqueológicas. Logo na fase inicial do projeto, desenvolveu-se uma clara consciência de que o bem maior é o casco histórico no seu conjunto: a estrutura urbana, o traçado das ruas, as formas e técnicas tradicionais de construção, os saberes tradicionais, as vivências das suas gentes. No seguimento desta linha, foram criados mecanismos de regulamentação urbanística que impediram que a “vila velha” fosse desvirtuada e que as novas áreas urbanas desenvolvessem programas arquitetônicos que colidissem de forma violenta com a envolvente paisagística e que contrastassem bruscamente com o casco antigo.

Por outro lado, de nada serviria manter incólume um centro histórico vazio de vida, um cenário teatral de um turismo mais ou menos cultural. Sem dúvida, que estes propósitos

se complexificaram com a necessidade de manter viva a “vila velha”, zona que, pelas suas próprias características, é pouco atrativa para qualquer tipo de atividade econômica e, até para fins residenciais. Mais complicado é ainda manter vivas algumas das atividades tradicionais (atualmente entendidas como patrimônio imaterial) de difícil viabilidade econômica. Tendo em conta as condicionantes e os objetivos do projeto, entendemos que aliar atividades tradicionais e dinâmicas museográficas é uma das vias possíveis de preservação e valorização destes saberes seculares.

O Museu de Mértola é de tutela municipal, aberto à parceria e colaboração com outras instituições locais, nacionais e internacionais. Esta é mais uma das particularidades do projeto Mértola Vila Museu. Na construção dos vários núcleos que atualmente integram o Museu, participaram diversas instituições públicas e privadas de forma generosa e, em muitos casos, espontânea e tácita, sem recorrer a acordos formais. A Câmara Municipal de Mértola é o organismo público que suporta legalmente o Museu, sendo o Campo Arqueológico de Mértola, uma associação cultural e científica sem fins lucrativos, responsável pelas questões científicas e técnicas. No desenvolvimento de ações e projetos, esta unidade museológica tem parcerias com outras instituições locais como a Associação para a Defesa do Patrimônio de Mértola, a Cooperativa Oficina de Tecelagem, a Escola Profissional ALSUD, o Agrupamento de Escolas de Mértola, a Santa Casa da Misericórdia e a Paróquia de Mértola. Por outro lado, a colaboração institucional também é forte com as autoridades da tutela, tanto regionais como nacionais, sendo alguns dos monumentos onde se encontram instalados os núcleos museológicos dependentes destas tutelas e pertencendo o Museu à Rede Portuguesa de Museus, tutelada pelo Ministério da Cultura.

O Museu de Mértola

Como já foi referido, o tecido urbano do centro histórico de Mértola apresenta-se como um conjunto de alto valor histórico, patrimonial, plástico e mesmo vivencial pelo que, desde o início, percebeu-se que a filosofia de intervenção teria que passar sempre por uma recuperação social e patrimonial do Centro Histórico. É que, embora os vetores mais importantes de expansão da vila estejam hoje extramuros, o núcleo primitivo permaneceu a imagem de marca dos registos do passado e, de certa forma, continua a ser o símbolo e motor do seu próprio desenvolvimento turístico. Este quadro ajuda a perceber como o museu é a própria vila. De fato, historicamente tão importantes como os achados

arqueológicos que enchem os expositores, são as ruas, a organização dos espaços públicos, a estruturação e usufruto das fachadas, volumes arquitetônicos, materiais e técnicas de construção, assim como uma sustentada requalificação habitacional. Neste contexto, o Projeto de Museologia Local insere-se em uma filosofia de intervenção que visa, antes de tudo, projetar a recuperação social e patrimonial do centro histórico, conhecido por “vila velha”. Aqui a museologia não podia alhear-se da reabilitação urbana. Assim, facilmente se apercebe o princípio que tem presidido ao projeto da Vila Museu: o da polinuclearização, isto é, o de organizar/instalar em pontos distintos do centro histórico espaços museográficos organizados de forma temática e sempre que possível no próprio local do achado arqueológico ou relacionado direta ou indiretamente com o objetivo pedagógico pretendido.

Um outro princípio fundamental é entender o Museu não apenas como um projeto finito, mas como um processo dinâmico, que interage com a população e com as suas necessidades culturais, aproveitando as conjunturas específicas para se expandir e servir melhor a comunidade, sendo por isso, também, um projeto de turismo cultural em contínuo crescimento. Assim, a configuração do Museu (os núcleos museológicos e os seus respectivos conteúdos) mudam com frequência, sofrendo ampliações e atualizando-se ao ritmo do avanço da investigação científica. O quadro que agora se segue não é nem nunca será um produto acabado, que esperamos fique sempre desatualizado.

No entanto, é necessário construir ferramentas que permitam dar uma unidade às peças do *puzzle* que formam Mertola Villa Museu. Com esta finalidade foram elaborados guias, itinerários e folhetos de síntese (TORRES *et alii*, 2008a e 2008b) e foi publicado um *Catálogo Geral* que materializa o Museu de Mértola enquanto conjunto (GÓMEZ, 2014a e 2014b tradução para o inglês).

Atualmente são estes os núcleos do Museu de Mértola:

1. Castelo - Ocupando o local de antigas construções romanas e de um pequeno bairro fortificado de época islâmica, o Castelo de Mértola domina todo o povoado e serve de referência ao fragor de antigas batalhas e à memória de outros feitos. A Torre de Menagem, ainda imponente no seu formidável volume, assinala a época em que Mértola foi durante um século a sede nacional da Ordem de Santiago. Na sala de armas, coberta por uma abóbada de cruzaria de ogivas, encontram-se expostos objetos encontrados no próprio

castelo e narra-se a sua evolução ao longo dos séculos; a sala do piso superior é dedicada à Ordem de Santiago e à sua relação com a própria fortaleza (BOIÇA e BARROS, 2013).

2. Circuito de visitas da Alcáçova - Interrompendo a vertente norte da encosta do Castelo, o possível *forum* da cidade romana cria uma plataforma artificial, suporte do mais imponente conjunto monumental da velha *Myrtilis*. Todo este espaço aplanado artificialmente assentava em uma galeria subterrânea - o *criptopórtico* - com cerca de 30 metros de comprimento e 6 de altura que serviu de cisterna. Em época islâmica, no decurso do século XII e parte do XIII d.C., toda esta zona é ocupada por um bairro que, depois da conquista cristã de 1238, é completamente arrasado para ser adaptado a cemitério. Este recinto pode ser visitado percorrendo um passadiço metálico que leva o visitante aos locais de maior interesse. Entre estes contam-se as ruínas de um batistério do século VI d.C., na altura rodeado por um belo conjunto de mosaicos policromos de que restam alguns fragmentos significativos (GÓMEZ, 2008).



Figura 3. Alcáçova e Igreja Matriz/Antiga Mesquita vistas desde o Castelo

3. Igreja Matriz/Antiga Mesquita - Inserida diretamente no recinto da acrópole e integrando-se no seu circuito monumental, ergue-se a Igreja matriz, antiga mesquita. No local onde teria existido um templo romano e depois paleocristão e onde, em finais do século XII d.C., foi reconstruída de raiz uma mesquita, encontra-se hoje a Igreja Matriz de Mértola. Da antiga mesquita almóada restam quatro portas de arco ultrapassado e o *mihrab*, o nicho para onde os muçulmanos dirigem às suas orações. Logo após a conquista, a

mesquita é cristianizada e a Ordem de Santiago impõe na fachada o seu símbolo. Em meados do século XVI d.C., a cobertura da igreja é completamente reconstruída, sendo as suas 5 naves, inicialmente cobertas por madeiramento policromo, substituídas por um belo conjunto de abóbadas com destaque para o tramo polinervado do altar-mor. Ao contrário da abobadagem e dos pináculos exteriores muito ao gosto *mudéjar* do último gótico, a porta principal da igreja segue os modelos do Renascimento italiano. Em um espaço adjacente, atualmente musealizado, a arqueologia descobriu os alicerces do antigo templo paleocristão sobre o qual se ergue o edifício atual (MACIAS *et alii*, 2011).

4. Forja do Ferreiro - Esta oficina já desativada, pretende guardar a memória de uma das muitas profissões do nosso passado que não conseguiu resistir às novas tecnologias. Além da bigorna e da forja com o seu fole, são expostas todas as ferramentas necessárias ao trabalho do ferro. Um painel explicativo descreve o local e as principais operações desenvolvidas pelo artesão.

5. Centro de Estudos islâmicos e do Mediterrâneo - Fronteiro ao núcleo de Arte Islâmica, em um belo edifício parcialmente recuperado, encontra-se instalado o Campo Arqueológico de Mértola. Este Centro dispõe de uma biblioteca especializada na Civilização Islâmica, de um espaço duplo para exposições temporárias e é um importante Centro de Formação Superior, vocacionado para lecionar mestrados e doutoramentos versando a cultura e civilização islâmicas do Mediterrâneo. Na parte ainda não recuperada do edifício, está projetado mais um núcleo do Museu de Mértola, o da Memória dos Sabores do Mediterrâneo.

6. Oficina de ourivesaria - Reatando com antigas tradições e aproveitando velhos motivos artísticos, a oficina de ourivesaria produz réplicas de alguns materiais arqueológicos provenientes das escavações. As memórias arqueológicas são também o ponto de partida para a criação de peças onde a imaginação criativa abre novos horizontes para a estética contemporânea. As mesmas técnicas e gestos artesanais modelam a prata e o ouro em uma profusão de formas e motivos inscritos na tradição islâmica e mediterrânea.



Figura 4. Museu de Mértola – Arte Islâmica

7. Arte Islâmica - Aproveitando os espaços e volumes dos antigos celeiros da Casa de Bragança, um moderno projeto arquitetônico e museográfico abriga, ao longo dos seus dois pisos, a mais importante coleção de arte islâmica de Portugal. Destaca-se o espólio cerâmico que integra um excepcional conjunto de artefatos decorados com vidro em "corda seca". Os motivos decorativos animais e vegetais passam a geométricos ou epigráficos, atingindo um forte barroquismo ornamental. A arte dos metais especializa-se na fundição de bronzes e aperfeiçoa a sua tecnologia na fabricação de armas. O sistema monetário é sobretudo em prata, embora por razões de prestígio, alguns pequenos reis locais cunhem moedas de ouro. A ourivesaria em ouro, prata ou bronze, nas suas técnicas de repuxado, encastado, fundido e cinzelado parece ter sido também oriunda de oficinas locais que aproveitavam os metais extraídos nas cercanias. Todas estas técnicas e formas decorativas estão representadas nos expositores do Museu. Para além do catálogo do museu, (TORRES & MACIAS, 2001) existe um pequeno guia traduzido em inglês e alemão (TORRES & MACIAS, 2003a, 2003b e 2003c).

8. Arte sacra - Porta da Ribeira - Construída no século XVI d.C. sobre a porta de acesso ao porto antigo e medieval, a igreja da Misericórdia, hoje parcialmente desafeta do culto, guarda um interessante acervo de arte sacra cristã. O corpo da igreja, a sacristia e outros anexos servem atualmente de espaço expositivo. A coleção de estatuária, pintura e alfaias religiosas, foi durante os últimos vinte anos, recolhida em algumas igrejas do

Concelho de Mértola, dada a pouca segurança e o abandono a que tinham sido votadas. Entre um conjunto de três dezenas de peças esculpidas em madeira policroma, algumas pertencem a grandes escolas europeias do século XVI e a grande maioria foi trabalhada em oficinas regionais. A primeira parte da exposição permite uma visita virtual a todas as igrejas paroquiais, assim como uma visão da procissão anual do Senhor dos Passos. Estão expostas também algumas peças da antiga Misericórdia e três tábuas monumentais que pertenceram a antigos altares quinhentistas da Igreja Matriz. Entre as alfaias litúrgicas expostas, destacam-se três importantes peças em prata cinzelada do século XVI: uma arqueta/hostiário, uma cruz processional e uma custódia. Do século XVIII, sobressai um conjunto de cálices e outras pequenas alfaias litúrgicas (BOIÇA, 2001).

9. Torre do Rio - Saindo pela Porta da Ribeira em direção ao rio e partindo das antigas muralhas romanas, alinham-se ainda imponentes os pegões de um pontão que dava acesso em época tardo-romana à Torre do Rio. Além de permitir o acesso à água sem sair das muralhas, esta construção era um importante ponto de apoio na defesa do porto, não só por poder abrigar uma guarnição militar, como também por controlar uma corrente de ferro que, de uma margem à outra impedia as embarcações inimigas de subir o rio. Poderosos talha-mares resistiam à violência das águas inverniais. Pela sua técnica construtiva e funções, é um monumento único no nosso país. Um caminho calçadado leva o visitante a visitar um sistema de túneis e poços que em épocas antigas introduzia as águas do rio no interior das muralhas. Subindo a escadaria da **Torre do relógio** chega-se ao largo da Câmara Municipal.

10. Casa Romana - Sob o edifício dos Paços do Concelho, encontra-se instalado o núcleo museológico dedicado ao período romano. Antecedendo obras no subsolo, uma intervenção arqueológica pôs a descoberto as ruínas de uma *domus* romana. A musealização deste sítio, permitiu instalar um conjunto de fragmentos arquitetónicos sugerindo formas e funções da época em que a casa foi habitada. São expostos objetos encontrados no próprio local e alguns outros associados ao mesmo contexto cultural. Este pequeno museu de sítio, embora integrado ao edifício dos Paços do Concelho, tem o mesmo horário de funcionamento dos restantes núcleos museológicos (LOPES, 2012).

11. Oficina de Tecelagem - Uma das mais antigas artes tradicionais da região é certamente a tecelagem de mantas de lã. Nesta oficina, na qual é ministrada formação contínua, uma cooperativa de tecedeiras encarrega-se de fazer sobreviver esta tradição. Os motivos decorativos destas mantas assemelham-se a uma gramática ornamental filiada em antigas tradições berberes e que também encontramos impressas em materiais

arqueológicos. No espaço da própria oficina, está organizada uma mostra de antigos instrumentos ligados à atividade da lã e do linho e uma exposição de tecidos fabricados na oficina e nos povoados serranos do concelho (LUZIA, MAGALHÃES E TORRES, 1984; é muito esclarecedora a natureza do projeto o fato de ter sido esta a primeira publicação do CAM).

12. Casa de Mértola - Situada junto do Posto de Informação Turística de Mértola, esta pequena habitação integra-se ao emaranhado urbano de cariz mais popular que sobrevive até aos nossos dias. São dois pequenos compartimentos onde até há pouco mais de trinta anos viviam o pai, a mãe e cinco filhos. Na cozinha, todos se juntavam para comer e nas duas camas do quarto, todos se apertavam para dormir. Sem contar alguns palacetes mais antigos e as casas dos comerciantes ricos da Rua do Muro, assim era a vida para os cerca de dois mil habitantes apertados pelas muralhas da cidade medieval.

13. Basílica Paleocristã - Sob o invólucro despojado de um moderno edifício, ocultam-se as ruínas de uma grande basílica paleocristã aberta ao culto do século V ao século VIII d.C.. De três naves e absides contrapostas, o que resta deste templo funerário é hoje valorizado por uma museografia que apenas sugere as principais linhas arquitetônicas. A importância excepcional deste museu é a coleção lapidar paleocristã constituída por seis dezenas de lápides epigrafadas, trinta das quais se encontram expostas no local. *Antonia*, *Festelus* ou *Amanda* foram habitantes da cidade de *Myrtilis* e contemporâneos de *Andreas* regente do coro da igreja. Esta basílica funerária foi construída sobre uma necrópole romana, onde já tinha havido enterramentos da Idade do Ferro (6 séculos antes de Cristo) e, em época posterior, também aproveitada como assentamento de um vasto cemitério muçulmano (TORRES, 1993).

14. Arrabalde Ribeirinho - Durante a construção de uma moderna unidade hoteleira, a descoberta de várias casas do arrabalde ribeirinho levou à integração, nas estruturas do próprio hotel, de uma das casas do século XII d.C. marcada por sinais de cristianização em um contexto claramente islâmico de época almorávida e almóada. Um conjunto variado de objetos encontrados durante as escavações são expostos junto das estruturas arqueológicas. Se, na primeira fase, os donos do empreendimento olharam com reticências para os inconvenientes da integração dos vestígios arqueológicos, rapidamente perceberam as maisvalias deste projeto, tendo designado a unidade hoteleira de Hotel Museu (LOPES, GÓMEZ e RAFAEL, 2012).



Figura 5. Arrabalde ribeirinho

15. Ermida e necrópole de S. Sebastião - No pátio da Escola EB 2,3 ES de Mértola, foi escavada e museografada a parte mais significativa de uma grande necrópole romana e tardo-romana, sobre a qual se implantou, no século XVI d.C., uma pequena capela dedicada a S. Sebastião. O cemitério, escavado na rocha, é visitável através de um passadiço metálico e ostenta um painel indicativo. A ermida, completamente reconstruída, em uma operação pedagógica, com a ajuda dos alunos de arqueologia da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, abriga um pequeno museu de sítio onde, entre outros artefatos, pode ser admirada uma medalha-crismon do século V d.C, em ouro, encontrada na sepultura de uma criança (BOIÇA e LOPES, 1999).

16. Azenhas do Guadiana - Nas imediações deste complexo escolar, o rio Guadiana é cortado por um açude, onde estão implantados cinco moinhos de água. Dois deles, solidamente abobadados para resistir às grandes cheias do rio, estavam adaptados ao regime das marés. Sem qualquer musealização e afastadas da vila, os ritmos sazonais e as cheias do Guadiana, marcam os ritmos de visita.

A projeção ao território

Se bem que os maiores esforços realizados até à data tenham incidido principalmente sobre o núcleo urbano de Mértola, o Município, extraordinariamente extenso, conta com outras localidades e estações arqueológicas dignas de atenção. Do ponto de

vista da investigação, um primeiro levantamento, necessariamente incompleto, foi publicado em forma de Carta Arqueológica (PALMA, 2012) e permite a gestão científica e a preservação do patrimônio arqueológico do Concelho. Algumas áreas de intervenção foram identificadas como prioritárias, tanto do ponto de vista científico como do ponto de vista da sua preservação e valorização. Dois polos apresentam um interesse particular: a Mina de São Domingos e a área envolvente do Pulo do Lobo.

A Mina de São Domingos foi uma importante exploração mineira em época romana, que teve um aproveitamento descontínuo nos períodos medieval e moderno e, finalmente, foi explorada de forma intensiva por empresas inglesas entre meados do século XIX e meados do século XX. Por volta de 1960, a empresa cessou atividade deixando uma paisagem desolada, com a corta a céu aberto (fig. 15) e um conjunto de instalações industriais em ruínas. Apesar do sentimento de desolação que produz, o conjunto é extremamente atrativo e exemplifica de forma magistral a agressividade dos mecanismos de exploração da Revolução Industrial. Para além das condições excepcionais para um projeto de investigação em arqueologia industrial iniciado por especialistas da área, a Câmara Municipal está a investir fortemente na criação de infraestruturas culturais que incluem um pequeno núcleo museológico, a Casa do Mineiro, a recuperação do arquivo documental da Mina, e a recuperação do Cineteatro, transformado em sala de espetáculos e exposições temporárias. Tudo isto, aliado ao atrativo de uma praia fluvial e de instalações hoteleiras de qualidade, faz da Mina de São Domingos um destino turístico emergente.

O Pulo do Lobo é um singular acidente geológico, um salto de água do Rio Guadiana, de 15 metros de altura, de notável valor paisagístico. À sua volta, organiza-se um circuito que conjuga patrimônio ambiental e cultural com a visita de duas pequenas antas, uma quinta dedicada à experimentação em agricultura biológica e à educação ambiental, propriedade da ADPM, um Centro de Interpretação da Natureza na aldeia de Amendoeira da Serra e uma pequena capela do século VII d.C., musealizada, localizada na aldeia de Mosteiro. Esta última possui uma singular importância arqueológica, uma vez que se trata de um sítio ocupado em época romana por uma *villa*, que deu lugar a um pequeno mosteiro de época visigótica, transformado no século XVI em ermida, e ocupado até o século XX, primeiro como habitação e depois como apoio a atividades agrícolas. Adquirido pela Câmara Municipal, escavado pela equipe do Campo Arqueológico e recuperado pela Escola Profissional, nele estão reunidos objetos de mármore de decoração arquitetônica, recolhidos em diversas aldeias do município (LOPES, 2011).

Estes dois eixos foram considerados prioritários, mas existem outros pontos de interesse sobre os quais também se está a trabalhar. Por um lado, a arquitetura religiosa e a espiritualidade do Concelho foi objeto de uma investigação apurada (BOIÇA, 1998) e aguarda processos de valorização, especialmente os centrados em um conjunto de ermidas (*Nossa Senhora de Aracelis, São Barão, Nossa Senhora das Neves e Nossa Senhora do Amparo*), representativos de um grande valor patrimonial e de uma enorme riqueza paisagística. Por outro lado, a arquitetura tradicional de matriz rural está a ser valorizada tanto em estudos multidisciplinares (COSTA, 2014) como em exposições específicas. Entre eles mereceram já especial destaque a recuperação de dois moinhos, um de água – o Moinho do Alferes, e um de vento localizado em S. Miguel do Pinheiro. No âmbito da etnografia, resultado da colaboração da Autarquia com um colecionador privado, foi constituído um núcleo sobre o mundo rural em Alcaria do Javazes (MACIAS, 2012).

Outras atividades

As ações de valorização do património e criação de espaços expositivos têm de ser complementadas com atividades contínuas de conservação e restauro e de monitorização das coleções, de educação patrimonial e de atividades de transferência de conhecimento à comunidade.

O CAM desenvolve também um programa anual de atividades de Educação Patrimonial que encontram no Museu condições excepcionais de desenvolvimento. Já foram criadas duas maletas pedagógicas, uma dedicada ao Islão e outra ao mundo medieval, e uma coleção de recursos didáticos para o público infantil. As escolas primárias são as principais parceiras destas ações, sendo as Escolas Secundárias muito menos receptivas a quaisquer atividades fora das salas de aula, devido à necessidade de atingir as metas curriculares definidas pelo Ministério da Educação.

Uma das tendências atuais em museografia é a utilização de sofisticados e caros recursos informáticos e tecnológicos que se transformam no principal atrativo dos museus. No nosso caso, a escassez de meios financeiros faz com que estas opções sejam tomadas com muita cautela já que, normalmente, estas tecnologias ficam obsoletas com alguma rapidez e carecemos dos recursos necessários para a sua renovação e mesmo para a sua manutenção, tendo, no entanto, sido implementado um serviço de visita assistida por audioguias e estando em fase de projeto outras ações. Porém, verificamos que os recursos existentes desse tipo tem menor procura do que esperávamos. Intuímos uma

mudança de tendência já que as gerações mais novas sempre conviveram com as novas tecnologias da informação que dificilmente conseguem impressioná-las, constituindo a experiência real, o contato com o original, uma experiência mais atrativa do que o mundo virtual. No entanto, as novas tecnologias da informação permitem opções de gestão mais eficientes, sobretudo para a formulação de reconstituições do passado e para a transferência de informação entre o público e o Museu, aspectos sobre os quais queremos incidir no futuro.

De fato, a principal riqueza dos museus é, sem dúvida, as coleções que os integram tanto pela sua quantidade como pela sua qualidade. Excetuando os objetos provenientes de recolhas etnográficas, a coleção é fruto da atividade arqueológica e, portanto, está muito fragmentada na sua origem. Para a sua compreensão, é mais eficaz a musealização, sendo para isso necessário um complexo e moroso processo de restauração que valorize os objetos. Esta tarefa é realizada pela equipe de técnicos de conservação e restauração da instituição, que para além de intervir sobre o acervo tornando, os objetos compreensíveis para o público, monitora a sua conservação e recupera objetos para integrar novas exposições permanentes ou temporárias e para substituir peças cedidas para exposições organizadas por instituições nacionais ou internacionais.

Neste âmbito, o CAM promove regularmente exposições temporárias e itinerantes, sempre acompanhadas dos seus respectivos catálogos. A primeira exposição de artefatos da cultura material do passado islâmico do território atualmente português, *Cerâmica Islâmica Portuguesa*, foi realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em 1987, (TORRES, 1987) e a grande síntese sobre este tema, a exposição *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* (TORRES & MACIAS, 1998a), foi comissariada pelo CAM e exibida no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, em 1998. Entre as exposições itinerantes, cabe destacar *O Islão entre Tejo e Odiana* (TORRES & MACIAS, 1998b) que percorreu mais de trinta localidades, *Mértola e Niebla. Na confluência de dois territórios* (GÓMEZ & PALMA, 2005), *Mértola. O último Porto do Mediterrâneo* (MACIAS, 2005, exibida também em Argélia), *Os Signos do Quotidiano: Gestos, Marcas e Símbolos no al-Ándalus* (GÓMEZ, 2011), *Arquitetura de Mértola entre Roma e o Islão* (GÓMEZ, LOPES & MACIAS, 2014) e *No Extremo do al-Ándalus. Mértola e o Guadiana* (GÓMEZ, 2014c).

No âmbito internacional, destacam a produção de *Mértola Almoravide et Almohade* exibida na *Galerie des Oudaias* de Rabat (MARROCOS, TORRES, 1988), o comissariado da exposição *Portugal / Marrocos - portas do Mediterrâneo* produzida em Tânger e Rabat,

em 1999, pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (TORRES, ZOUAK & MACIAS, 1999), a colaboração na exposição *Lusa: a matriz portuguesa* realizada no Brasil (DANTAS, 2007), e a colaboração na exposição *Le Maroc Médiéval*, organizada pelo Museu do Louvre, em 2014.

Patrimônio e rentabilidade

Quando se discute a rentabilidade do patrimônio, a tônica coloca-se somente no seu aproveitamento turístico, ignorando, muitas vezes, outros benefícios, por vezes mais estruturantes para a comunidade, de caráter social e cultural. Antes, não devemos esquecer que o patrimônio arqueológico, como o seu nome indica, é um bem por si próprio, sem necessidade de recorrer ao valor acrescentado que lhe confere a sua antiguidade ou as suas possíveis qualidades estéticas. Não será inútil recordar à comunidade que esses bens, móveis e imóveis, são seus e que, frequentemente, são objetos de roubo e de tráfico ilícito, e que o negócio das antiguidades, em bastantes casos pouco transparente, movimenta quantidades de dinheiro consideráveis. É importante que tornemos os cidadãos mais conscientes de que, quando se destrói um sítio arqueológico, ou se desviam objetos arqueológicos para o mercado negro, são eles próprios que são privados de algo que lhes pertence. A dúvida moralidade de alguns comerciantes de arte e antiguidades é hoje mais gritante do que nunca à luz dos tristes e pavorosos casos da Síria e do Iraque. Esta não é uma situação nova, que só se alimenta dos compradores finais desse mercado, e que urge isolar, desacreditar e penalizar.

À escala local, é a educação patrimonial que pode contribuir em maior medida para salvaguardar o patrimônio do passado e a divulgação junto da população. No entanto, dificilmente podemos convencer os cidadãos a apropriar-se dessa herança se esta se mantém ocultada pela complexa e encriptada linguagem científica. É imprescindível divulgá-la sem demoras e com linguagem clara, acessível e atrativa. A valorização da herança histórica local é vital para dignificar os valores da coletividade, sobretudo nos meios rurais, muito desprestigiados pelo domínio absoluto da cultura urbana e dos valores do individualismo consumista. Quando a comunidade é consciente do valor do seu legado cultural, este transforma-se, também, num elemento identificador da comunidade, incrementando a sua autoestima e coesão social. A recente inscrição do Cante Alentejano na lista de Patrimônio Imaterial da UNESCO é um excelente exemplo de um processo deste

tipo. A dignificação dos saberes e valores rurais frente aos modelos da grande cidade, impostos pelos meios de comunicação, produz um poderoso efeito na autoestima da população, contribuindo para enraizar uma população com poucas expectativas de desenvolvimento econômico e cultural em uma pequena aldeia, segundo os pontos de vista dos modelos urbanos. Este processo pode ser um elemento a ter em conta uma desejada mudança de tendência nos processos migratórios que têm levado o interior de Portugal à desertificação.

As distintas áreas de trabalho relacionadas ao patrimônio constituem uma nova oportunidade de emprego para os jovens que podem permanecer na sua terra, trabalhando em atividades distintas das tradicionais (agropecuária, construção e comércio). O emprego nas áreas da conservação e restauração, investigação histórica, artística, etnográfica e arqueológica, a animação turística, a hotelaria e a restauração ou as atividades artísticas, áreas inexistentes há apenas 30 anos, ou em eminente extinção como no caso das atividades artesanais, é atualmente uma perspectiva para o futuro.

Mas o patrimônio também gera, de forma direta, uma rentabilidade econômica considerável e quantificável. O desenvolvimento de atividades científicas, tecnológicas e formativas em Mértola significa já uma contribuição considerável para a economia local. Por um lado, um grupo considerável de pessoas que reside no município desenvolve atividades científicas e técnicas que, tradicionalmente, eram centralizadas nas grandes cidades, e que canalizam para um meio rural, recursos que antes iriam para as grandes urbes. As novas tecnologias da comunicação têm permitido em grande medida descentralizar a ciência e a tecnologia, diminuindo os custos da localização de centros de pesquisa longe dos centros de poder. Assim, são investidos, no meio local, financiamentos de instituições como a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), a Fundação Calouste Gulbenkian e de outros organismos do governo central.

Também encontramos casos, cada vez mais frequentes, de entidades públicas e privadas que acodem a Mértola, procurando os serviços dos técnicos especializados da equipe local. Ainda é uma contribuição pequena, mas é importante desde o ponto de vista simbólico nas relações entre os centros de saber técnico-científico tradicionais: em vez de dirigir-se aos museus e centros universitários das grandes cidades para realizar estudos, tratamentos de conservação e restauração de peças ou, simplesmente, realizar estágios formativos, entidades privadas e públicas de todo o país solicitam os serviços do Campo Arqueológico de Mértola.

Para além da rentabilidade econômica direta, a presença de profissionais altamente especializados contribui com outros tipos de benefícios para a comunidade, principalmente reduzindo o déficit de recursos humanos qualificados, tão escassos no mundo rural. Estes quadros superiores beneficiam-se de um profundo conhecimento da realidade local, não só do ponto de vista patrimonial, mas também de uma perspectiva social, fato que lhes permite avaliar melhor as possibilidades reais de aproveitamento cultural ou o impacto de uma determinada ação na comunidade.

Mesmo o processo de execução dos distintos projetos que configuram a estratégia Mértola Vila Museu proporciona benefícios na aquisição de serviços nas empresas da região, embora alguns financiamentos estejam sujeitos a normativas que dificultam a escolha de fornecedores locais, favorecendo as grandes empresas localizadas em zonas do litoral mais ricas. Isto significa também que uma parte significativa do financiamento desses projetos procede do poder central ou dos financiamentos europeus, incrementando, deste modo, o investimento extrar-regional no território do interior.

A formação é outra contribuição para a economia local. Em Mértola, são ministrados cursos em diversas etapas de formação. Há mais de 20 anos, a Escola Profissional de Mértola (denominada Bento de Jesus Caraça nos primeiros anos e ALSUD na atualidade) forma técnicos especializados em diferentes áreas ligadas ao patrimônio (assistentes de arqueólogo, técnicos de patrimônio edificado, técnicos de turismo rural, etc.). O Campo Arqueológico de Mértola leciona cursos livres em diversas áreas e, em parceria com várias universidades (Algarve, Évora, Lisboa e Coimbra), são ministradas pós-graduações, que atraem estudantes de outras regiões e mesmo de outros países. São muitos os jovens que escolhem Mértola para fazer os seus estágios e trabalhos de investigação ou, simplesmente, consultar a bibliografia existente na Biblioteca do CAM.

Mas não podemos pecar por excesso de otimismo. O financiamento da estrutura museográfica, tanto no que diz respeito ao investimento inicial, como à manutenção é grande e obriga acrobáticos exercícios de imaginação. Mesmo que as verbas derivadas do turismo sejam consideráveis, os museus não conseguem ser autossustentáveis de forma direta e financiar atividades científicas ou técnicas. Os benefícios econômicos do turismo revertem muito mais para a comunidade do que para os agentes relacionados diretamente ao patrimônio. Aprofundando neste ponto do turismo, podemos considerar bastante satisfatórios os índices e estatísticas relativas a esta atividade. O número de visitantes registados no Posto de Informação Turística e nos Museus atinge, anualmente, números

próximos dos 35 mil, dados que devemos considerar ligeiramente inferiores ao número real de visitantes, que atingem os seus picos máximos na Páscoa e nos meses de julho, agosto e setembro. Estes valores registram um aumento considerável nos anos em que se celebra o Festival Islâmico de Mértola que, em quatro dias, ultrapassa a capacidade de carga da pequena e sinuosa “vila velha”.

A caracterização do público que visita Mértola não está ainda sistematizada, no entanto, através dos inquéritos realizados, é possível identificar algumas características. Por um lado, os grupos trazidos por operadoras turísticas nacionais e internacionais, com grande número de intervenientes, não usufruem, na maior parte dos casos, dos recursos patrimoniais à sua disposição, fato relacionado às orientações dos guias que os acompanham. Este aspecto só pode ser melhorado com a intervenção dos profissionais das entidades locais no sentido de intervir junto dos operadores turísticos e informar das condições de visita e das potencialidades de Mértola. Um outro grupo identificado é formado por famílias que fazem escala em Mértola no seu caminho para os destinos de Sol e Praia do Algarve. Durante o período letivo, aumenta o número de vistas orientadas pelos funcionários do Turismo e Museu, destinadas ao público escolar que pode, tendo em conta os seus interesses, selecionar percursos temáticos que vão de encontro aos conteúdos lecionados. Nos fins de semana, feriados e curtos períodos de férias, Mértola é procurada por grupos de famílias e amigos que pretendem usufruir do que Mértola tem para oferecer, não só ao nível do património, mas também de outras atividades de animação turística e cultural.

De uma forma geral, podemos afirmar que os indivíduos que procuram Mértola como destino são informados, preparam antecipadamente a sua visita, quer através de contatos com o Posto de Informação Turística, quer com outros serviços que fornecem informação, e utilizam também bastante a informação disponível na internet. Em termos de país de procedência, os portugueses representam a grande maioria, sendo depois identificáveis os visitantes de países como Espanha, Inglaterra, Holanda, França e Alemanha. Nos últimos anos, regista-se um aumento considerável dos visitantes oriundos dos países do Leste Europeu e da América Latina.

Um indicador extraordinariamente significativo da evolução da tendência do turismo é o número de camas disponíveis em Mértola. Há vinte anos, só havia 3 quartos com casa de banho privativa em todo o Concelho. Hoje há mais de 100 quartos na vila e outros tantos nas pequenas aldeias do Concelho e, em muitas épocas do ano, não há camas livres.

Mesmo assim, a maior parte das visitas devem ser consideradas excursionismo, deslocações curtas de um dia, mais do que turismo que implica pernoitar, com um volume econômico menos elevado do que seria desejável. No entanto, os benefícios para a hotelaria e restauração locais são visíveis. Verifica-se também o aumento do volume de negócio gerado pelas empresas de animação turística, principalmente aquelas ligadas às atividades relacionadas com o rio (como a canoagem e passeios de barco) e com a natureza, em que se destaca o *birdwatching*, e o turismo cinegético. Podemos, no entanto, afirmar que a iniciativa privada ainda não percebeu as potencialidades deste projeto nem as oportunidades de negócio que proporciona, sendo o tecido empresarial caracterizado pelo pouco dinamismo e iniciativa.

Uma atividade que importa analisar é a realização bianual do Festival Islâmico que atrai, durante quatro dias, cerca de 40.000 visitantes. O fenómeno dos festivais temáticos tem crescido exponencialmente em Portugal, dando lugar a uma grande banalização destes eventos. No caso de Mértola, mantém-se alguma originalidade, privilegiando a autenticidade (trazendo, por exemplo, comerciantes do Norte da África para o *souk*, e grupos etnográficos em vez de empresas de figurantes profissionais) e as atividades culturais e científicas de nível internacional. Relativamente a este Festival, urge avaliar as questões relacionadas à capacidade de carga de Mértola e a estratégia relativa à atratividade do Festival, uma vez que se verifica que, devido ao elevado número de visitantes, desvaloriza-se a qualidade dos serviços oferecidos, o que tem repercussões na imagem que se pretende transmitir de Mértola Vila Museu.



Figura 6. Festival Islâmico de Mértola

Considerações finais

Podemos concluir que toda a sociedade, qualquer comunidade, procura guardar, proteger os seus bens mais preciosos, as provas e documentos identitários, os objetos e artefatos portadores de uma marca ou sinal da memória coletiva. Este local de abrigo pode e deve ser o museu. Um espaço sacralizado capaz de concentrar e sintetizar a alma de um sítio ou território, capaz de dignificar o caráter mais profundo de uma comunidade. O gesto que transforma o insignificante pedaço de barro ou a pequena fivela em objeto de cultura, em peça sacralizada, é um gesto demiúrgico, um ato de afirmação coletiva que reforça a autoestima e o orgulho local. Mais significativo se torna o museu local quando este se fraciona em vários núcleos temáticos e quando estes, gradativamente, vão incluindo áreas de proteção, vias de acesso, portas e poiais, muros, hortas e

pomares. E sobretudo quando lá dentro, vivendo a sua vida e se beneficiando desse passado, encontra-se toda uma população interessada, conivente e solidária.

A questão final que se coloca é se este modelo será capaz de afrontar os desafios do futuro e sobreviver a possíveis mudanças nos gostos do mercado turístico ou de estratégias de desenvolvimento nacionais e da União Europeia ou mesmo da própria comunidade detentora deste patrimônio. Em qualquer caso, por enquanto, parece possível construir o futuro de Mértola a partir do seu passado.

Referências bibliográficas

BOIÇA, Joaquim Manuel FERREIRA. **Imaginária de Mértola, tempos, espaços, representações**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1998.

Boiça, Joaquim Manuel Ferreira (coord.). **Museu de Mértola. Porta da Ribeira - Arte Sacra**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2001.

BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts. **O Castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs. XIII-XXI**. Mértola: Câmara Municipal de Mértola, 2013.

Boiça, Joaquim; Lopes, Virgílio (coord.). **Museu de Mértola. A Necrópole e a Ermida da Achada de São Sebastião**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola / Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, 1999.

COSTA, Miguel Reimão. **Casas e montes da serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve** : forma, processo e escala no estudo da arquitetura vernacular. Porto: Afrontamento, 2014.

DANTAS, Marcello (dir.). **Lusa: a matriz portuguesa**. Catálogo da exposição realizada no Rio de Janeiro e Brasília. São Paulo: Mag Mais Rede Cultural, 2007. 2 vols.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (coord.). **Alcáçova do Castelo de Mértola 1978-2008**. Trinta anos de arqueologia. Mértola: Câmara Municipal de Mértola, 2008.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana. **Os Signos do Quotidiano: Gestos, Marcas e Símbolos no al-Ándalus**. Catálogo da Exposição. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2011.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (coord.). **Catálogo Geral do Museu de Mértola**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2014a.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (coord.). **Mértola Museum – General Catalogue**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2014b.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana. **Catálogo da exposição No Extremo do al-Ándalus. Mértola e o Guadiana.** En los confines de al-Andalus. At the furthest point of al-Andalus. Mértola and the Guadiana. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2014c

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio; MACIAS, Santiago. **ENTRE ROMA E O ISLÃO** - projeto de estudo e valorização do património da Antiguidade Tardia no Alentejo. BETWEEN ROME AND ISLAM - Research and enhancement project of the Late Antiquity heritage in the Alentejo. [Recurso eletrónico]. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2014.

GÓMEZ, Susana; PALMA, M^a de Fátima (Coord.). **Niebla e Mértola: na confluência de dois territórios.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2006.

LOPES, Virgílio. **O Mosteiro do Monte Mosteiro.** Mértola: Câmara Municipal de Mértola, 2011.

LOPES, Virgílio. **Museu de Mértola. Casa Romana.** Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2012.

LOPES, Virgílio, GÓMEZ, Susana; RAFAEL, Lúcia (eds.). **Museu de Mértola. Arrabalde Ribeirinho.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2012.

LUZIA, Ângela; MAGALHÃES, Isabel; TORRES, Cláudio. **Mantas Tradicionais do Baixo Alentejo.** Mértola: Câmara Municipal de Mértola, 1984.

MACIAS, Santiago. **Mértola. O último porto do Mediterrâneo.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2005.

MACIAS, Santiago (coord.). **Alcaria dos Javazes : núcleo museológico.** Mértola: Câmara Municipal, 2012.

TORRES, Cláudio; ZOUAK, Mehdi; MACIAS, Santiago (Ed.). **Marrocos-Portugal : portas do Mediterrâneo.** Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

MACIAS Santiago; TORRES, Cláudio; BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana. **Mesquita – Igreja de Mértola.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2011.

TORRES, Cláudio (coord.). **Cerâmica Islâmica Portuguesa.** Catálogo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

TORRES, Cláudio (Dir.). **Mértola Almoravide et Almohade.** Catalogue. Ed. Ministère des Affaires Culturelles du Royaume du Maroc et Câmara Municipal de Mértola, 1988.

TORRES, Cláudio (Dir.). **Museu de Mértola. Basílica Paleocristã.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1993.

TORRES, Cláudio; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; PALMA, Maria de Fátima; LOPES Virgílio. **Mértola nas rotas comerciais do Mediterrâneo: de cidade portuária a Vila Museu.** Itinerário Cultural. Mertola: Câmara Municipal de Mértola, 2008.

TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago. **Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo.** Lisboa: Instituto Português de Museus, 1998a.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago. **O Islão entre Tejo e Odiana.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1998b.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago. **Museu de Mértola. Arte Islâmica.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2001.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago. **Museu de Mértola. Arte Islâmica.** Guia do Museu. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2003a.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago. **Museum von Mértola. Islamische Kunst.** Museumsführer. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2003b.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago. **Museu de Mértola. Islamic Art.** Museum Guide. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2003c.